



Universidade de Brasília - UnB  
Faculdade de Educação

BRENDA LEE PAIVA CARAM

**COLAGEM DE MEMÓRIAS: REFLEXÕES ATRAVÉS DA GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA**

Brasília

2023

BRENDA LEE PAIVA CARAM

**Colagem de memórias: Reflexões através da graduação em Pedagogia**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Banca Examinadora da Faculdade de Educação como exigência final para obtenção do título de Pedagoga, sob a orientação de Profª Drª Patricia Lima Martins Pederiva  
Coorientação: Iara Txai Pimentel de Souza

BRASÍLIA  
2023

## **TERMO DE APROVAÇÃO**

BRENDA LEE PAIVA CARAM

### **Colagem de memórias: Reflexões através da graduação em Pedagogia**

Trabalho de Conclusão de Curso submetido à Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, como requisito para a obtenção do grau de Pedagoga. Apresentação ocorrida em 07 de dezembro de 2023.

Aprovada pela banca formada pelos professores:

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Patrícia Lima Martins Pederiva – Presidente/Orientadora  
Departamento de Métodos e Técnicas (FE/UnB)

---

Professora Iara Txai Pimentel de Souza

---

Professora Elisângela Moreira Peraci

---

Professora Carolina de Souza Freire

BRASÍLIA

2023

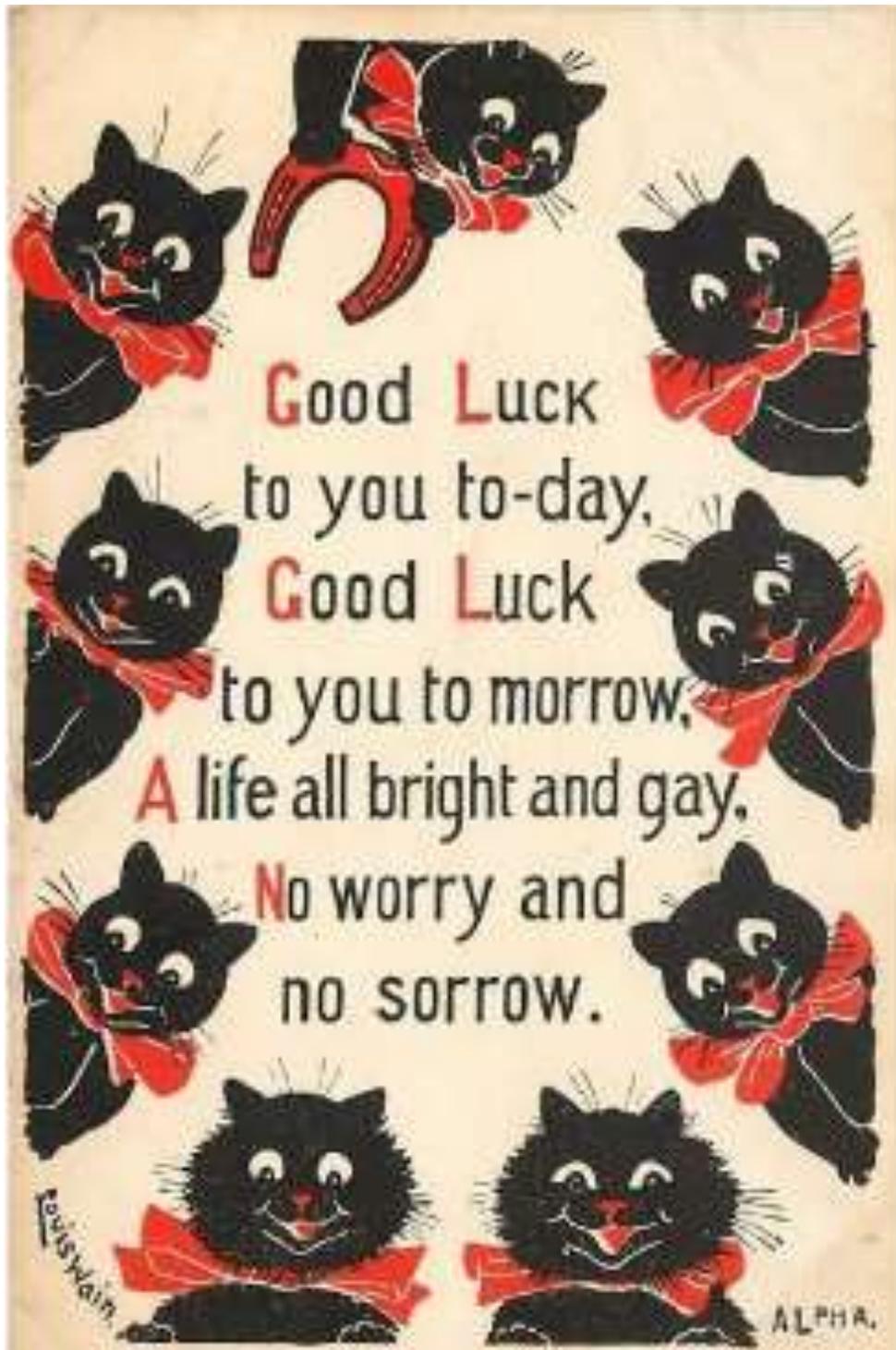
Ficha catalográfica elaborada automaticamente,  
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

CC259c CARAM, BRENDA LEE PAIVA  
Colagem de memórias: Reflexões através da graduação em  
Pedagogia / BRENDA LEE PAIVA CARAM; orientador Patrícia Lima  
Martins Pederiva; co-orientador Iara Txai Pimentel de  
Souza. -- Brasília, 2023.  
38 p.

Monografia (Graduação - PEDAGOGIA) -- Universidade de  
Brasília, 2023.

1. pedagogia. 2. graduação. 3. colagem. 4. Vigotski. I.  
Lima Martins Pederiva, Patrícia, orient. II. Txai Pimentel  
de Souza, Iara, co-orient. III. Título.

Ao amado Clube de Colagem de Brasília, agradeço por nutrir meu pensamento na arte da colagem por tantos ciclos, além de escancarar que é na persistência e no encontro que brota a arte. O ensaio em questão só foi possível de florescer graças à constante imersão no universo da colagem, fruto dos desafios contínuos proporcionados pelo CCBSB.



“Boa Sorte para você no dia de hoje, Boa Sorte para você no amanhã, Uma vida toda brilhosa e alegre, Sem preocupação e sem tristeza” (tradução livre) – Louis Wain

## AGRADECIMENTOS

Gostaria de abraçar todas as pessoas que contribuíram de maneira significativa para a realização deste trabalho. Primeiramente, agradeço à minha orientadora, Patrícia Pederiva, por ter aceitado a aventura da orientação sem hesitar, e à minha corajosa coorientadora, Iara Txai, pelo apoio e preciosas sugestões ao longo deste processo. Aos meus familiares, à minha melhor amiga Isadora Fortes Do Espírito Santo e amigas, pelo incentivo, compreensão e suporte nos momentos desafiadores, ao meu namorado por ajudar e cuidar de tudo que consegue com amor, compreensão e encorajamento constantes, que foram essenciais para meu equilíbrio emocional durante toda esta jornada acadêmica. À Equipe do paradeiro, café-livraria que fica nos fundos do Bloco D Loja 60 na CLN 309 e me acolheu em tantos momentos durante a escrita desse ensaio. Também sou grata todas as professoras do ensino superior e da Secretaria de Educação do Distrito Federal com quem tive contato durante meu período de graduação na Universidade de Brasília, cujas contribuições foram essenciais para enriquecer meu estudo. Desejo, para mim, um dia ser tão professora quanto essas que me tocaram a alma. Por fim, meu reconhecimento a Faculdade de Educação, que me introduziu à sapiência, proporcionou oportunidades que viabilizaram a realização deste ensaio e a construção da profissional que serei; Graças ao antigo prédio da reitoria e todos os queridos que me cercam, afirmo que no espaço em que vivo, o lugar de partilha da arte é a pedagogia que se atravessa em cada detalhe do meu dia. A todos vocês, meu profundo agradecimento e carinho por fazerem parte desta jornada.

## RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de curso foi realizado em formato de ensaio acadêmico, este tem por objetivo trazer reflexões sobre a jornada artística concomitante a formação em pedagogia. Para tanto, partiu de uma contextualização sobre trabalhos artísticos desenvolvidos durante a graduação para refletir sobre o cotidiano, foram selecionados 3 obras para dialogar sobre a formação em pedagogia através de um olhar de final analógico; observa-se que a prática de elaborar arte com a técnica de colagem se retirou do campo digital, o auge da manipulação de imagem, para uma técnica estreita e rigorosa em relação às características analógicas de materiais previamente criados, sendo por maioria periódicos, como: revistas, panfletos ou catálogos. No decorrer da jornada, uma linguagem artística foi expandida e consolidada, aplicada em paralelo à educação superior em pedagogia, contudo os dois eixos se entrelaçaram na questão do registro, resgate de lembranças e criando memória de significados criados por essa dupla jornada. A partir da análise histórico-cultural, conclui-se que as características de sensibilidade e empatia de um profissional de educação são de extrema importância para atender as demandas educacionais da população brasileira, mas isso deve ocorrer por meio de formações continuadas e/ou integradas à graduação, afinal, para se apropriar da própria cultura, o sujeito precisa ser introduzido, exercitado, praticado e, acima de tudo, ter vivências o levem a criar significado para a capacidade ativa de apreciar as mais variadas linguagens que fazem a cultura brasileira.

**Palavras-chave:** pedagogia; graduação; colagem; Vigotski

## **ABSTRACT**

This final undergraduate thesis was conducted in the format of an academic essay and aims to bring reflections on the artistic journey concurrent with the pedagogy formation. To do so, it started with contextualization about artistic works developed during graduation to reflect on everyday life. Three works were selected to dialogue about pedagogy formation through an analogical final gaze. It is observed that the practice of creating art using collage technique was drawn from the digital field, characterized by maximum image manipulation, to a technique that is narrow and rigorous in relation to the analogical characteristics of previously created materials, mostly periodicals such as magazines, pamphlets, or catalogs. Throughout the journey, an artistic language was expanded and consolidated, applied in parallel to higher education in pedagogy. However, both axes intertwined in the issue of recording, rescuing memories, and creating meaning from this dual journey. From the historical-cultural analysis, it is concluded that the qualities of sensitivity and empathy of an education professional are of extreme importance to meet the educational demands of the Brazilian population. Still, this should occur through continuous and/or integrated education within the graduation. After all, to appropriate one's own culture, the individual needs to be introduced, exercised, practiced, and, above all, have experiences that lead them to create meaning for the active ability to appreciate the various languages that constitute Brazilian culture.

**Keywords:** pedagogy; graduation; collage; Vigotski

## SUMÁRIO

1	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	11
2	<b>APRESENTAÇÃO</b> .....	12
2.1	<b>Relatos e Procedimentos</b> .....	12
3	<b>Trabalhos Artísticos</b> .....	15
3.1	<b>Oficina Vivencial – Memorial Pedagógico</b> .....	15
3.2	<b>Dois amores: brigadeiro e beijinho</b> .....	18
3.3	<b>Outro tempo, outro lugar</b> .....	26
4	<b>Trabalhos Acadêmicos</b> .....	34
5	<b>CONCLUSÃO</b> .....	36
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	37

## 1 INTRODUÇÃO

O presente ensaio acadêmico trata-se de uma reflexão com o intuito de destacar transversalidades de arte com pedagogia. Neste sentido, este ensaio comenta sobre a jornada da formação de jovens em profissionais e toma de base uma educação superior que se caracteriza por um tripé educacional formado por ensino, pesquisa e extensão. Inspirado no formato da ferramenta do memorial pedagógico, que coloca o futuro profissional como protagonista de sua narrativa, o que define este ensaio é complementação através do recorte de trabalhos artísticos e acadêmicos que foram retomados para expressar lembranças de um tempo vivido enquanto estudante.

Nos trabalhos artísticos foram utilizadas técnicas de colagem, nesse recorte os materiais utilizados convergem de registro pessoal (foto de família) para comprovantes de data (periódicos), isso visa introduzir uma linguagem de “colagem de memória” por meio de rastros digitais e analógicos que atravessam diversos níveis de elaboração. Para ajudar a perceber a linguagem artística consolidada através dos anos que passaram, utilizo de reflexões teóricas que também servem para entender os caminhos escolhidos para a prática pedagógica. Com isso, ao final, esse ensaio apresento o resultado estético de dois trabalhos acadêmicos desenvolvidos na graduação.

Com base na teoria histórico-cultural de Vigotski de apropriação cultural e participação ativa na cultura através de vivências, são apresentadas narrativas que dialogam com autores que entendem a arte como necessidade para exercer a cidadania plena, a transmissão do conhecimento como algo de direito a todos e/ou o entendimento por muitos de arte como obra coletiva. Para além da arte pela arte, esse ensaio deixa explícito a relação e dependência da necessidade cultural ter origem na educação formal. Assim, é imprescindível a atenção de que vários são os aspectos que colocam os espaços educacionais como responsável por gerar e suprir a necessidade cultural da comunidade, sendo o acesso democrático da arte muito além da entrada gratuita a um espetáculo ou até apresentar imagens em livros didáticos, é necessário formar plateia.

Essa plateia precisa ser exigente ao que está sendo introduzida para aproveitar processos ainda mais elaborados de expressão artística e para isso é necessário aprender a apreciar. Diante deste contexto, esse ensaio pretende abordar também sobre a importância da apreciação e capacidade de desenvolver interesses por artes com diferentes níveis de elaboração em profissionais da educação, com isso, para atender necessidades que fazem sentido para o cotidiano brasileiro. Assim, esse ensaio possui a seguinte estrutura, em um primeiro momento apresenta relatos e procedimentos para a contextualização dos trabalhos artísticos, relaciona com reflexões teóricas, segue com resultados dos trabalhos acadêmicos e, por fim, conclusão.

## 2 APRESENTAÇÃO

### 2.1 Relatos e Procedimentos

Esse é o Trabalho de Finalização de Curso em Pedagogia – Noturno da discente Brenda Lee, este ensaio acadêmico sobre a jornada universitária na Universidade de Brasília adota um formato que mescla na escrita primeira e terceira pessoa, proporcionando um desenvolvimento de narrativa envolvente e visualmente estimulante com auxílio de colagens (Colagem 1).



Colagem 1 – Sem Título Fonte: Autoria própria (2022)

Esse trabalho foi feito por uma estudante de pedagogia com formação técnica em eventos, Brenda é apaixonada em espaços educacionais fora da sala de aula que empregam a arte para promoção e autonomia popular para a constante conquista da cidadania plena, com isso colou no Clube de Colagem de Brasília para aprofundar, através de encontros itinerantes, o debate de temas relevantes do contemporâneo e a partir dessas discussões desenvolver obras com técnicas de colagem. Nesse ensaio a colagem é utilizada como linguagem de expressão, a análise recorta momentos de produção artística durante mesmo período do curso de graduação, tanto por ser uma técnica de apressado, quanto pelas infinitas possibilidades de comunicar através de materiais analógicos um retrato de um momento vivido no mundo.

Além disso, no mundo de estudante universitária o que foi mais explorado na instituição de ensino superior em questão foi a Extensão, essa prática se inicia por duas

frentes no evento anual da Semana Universitária<sup>1</sup>, passa pela Faculdade de Educação e vai até as Casas Universitárias de Cultura (Casa da América Latina, Memorial Darcy Ribeiro e Casa Niemayer) na função de membro de equipe. Neste contexto, vale ressaltar que essa trajetória não reflete apenas a formação técnica em eventos e a atual graduação em pedagogia pela Universidade de Brasília, mas também o profundo envolvimento com a dimensão da extensão universitária. Essa dimensão do tripé universitário (Steiner, 2005) despertou maior atenção justamente pela possibilidade de produzir eventos, se alinha diretamente com o interesse por espaços educacionais fora da sala de aula e promover a cidadania plena por meio de vivências com a arte.

Antes de explorar mais sobre as vivências e processos artísticos, é relevante destacar os conceitos fundamentais de instituições de ensino superior que definem a natureza única e abrangente de uma universidade. De acordo com o artigo 207 da Constituição Federal as universidades devem obedecer ao princípio de indissociabilidade de ensino, pesquisa e extensão (Steiner, 2005), sendo esse tripé uma característica exclusiva da instituição formal definida como *universidade* também regulada pela Lei de diretrizes e bases (LDB) de 1996. Para entender essas características exclusivas da Universidade Teixeira (1964) foi sucinto, o educador inclusive expande a ideia e apresenta sobre as quatro funções fundamentais das universidades brasileiras do contemporâneo<sup>2</sup>.

Teixeira (1964) apresenta em primeiro lugar a formação profissional voltado para o *trabalho*, a segunda, mesmo com dificuldade, apresenta a busca do saber que aqui pode ser relacionado como *pesquisa* no tripé universitário de indissociabilidade.

---

<sup>1</sup> Colagem sonora feita pelo Clube de Colagem de Brasília para a Semana Universitária da Universidade de Brasília em 2021, acesso: [https://youtu.be/u4\\_LaEp2xz0?si=Bg3aVINgQjz0S9Vo](https://youtu.be/u4_LaEp2xz0?si=Bg3aVINgQjz0S9Vo) ou QRCODE; Transmissões do Happy Hour da Colagem para a Semana Universitária da Universidade de Brasília em 2020, acesso: [https://www.youtube.com/live/oHXgsLb\\_k3Y?si=Qi\\_xXi5D8JI3mfP](https://www.youtube.com/live/oHXgsLb_k3Y?si=Qi_xXi5D8JI3mfP) e da colagem sonora, acesso: [https://www.youtube.com/live/OzIJieGlvPY?si=KqTZqDPgl\\_u9MaS5](https://www.youtube.com/live/OzIJieGlvPY?si=KqTZqDPgl_u9MaS5)



<sup>2</sup> Em fevereiro de 1964 Anísio Teixeira anunciava através do Boletim da CAPES as funções da Universidade. Esse texto que foi publicado quase dois anos após a inauguração da Universidade de Brasília, meses antes do golpe militar e um ano antes da demissão coletiva de docentes da maior Universidade Federal do centro-oeste.

Segue a narrativa com a terceira função, essa relacionada à ciência fundamental básica de desenvolver o saber humano, a sapiência de busca (mesmo que desinteressada) do conhecimento através do *ensino* e por fim, para esse ensaio o mais relevante, o tópico sobre transmissão que se equipara a *extensão*. Além disso, Anísio Teixeira apresenta a necessidade de a universidade brasileira ser a grande transmissora de cultura brasileira e para fechar parafraseia seu sonho:

A Universidade será assim um centro de saber, destinado a aumentar o conhecimento humano, um noviciado de cultura capaz de alargar a mente e amadurecer o conhecimento humano, um noviciado de cultura capaz de alargar a mente e amadurecer a imaginação de jovens para a aventura do conhecimento, uma escola de formação de profissionais e o instrumento mais amplo e mais profundo de elaboração e transmissão da cultura comum brasileira (TEIXEIRA, 1964 p.2)

O “noviciado” do autor é uma maneira figurativa para falar de aprendizagem, é possível que essa escolha tenha sido feita por remeter um lugar que habita a juventude, e nesse caso também é um recorte da população brasileira universitária de futuros profissionais. As belas palavras também deixam a ideia de que a transmissão se apresenta como o meio de chegar ao povo brasileiro em sentido mais amplo, a aplicação do saber como agente de mudança para fora da universidade e, de maneira superficial, isso é a Extensão Universitária. Mesmo que seja uma função pouco lembrada nos pés da mesa universitária que foi mencionado no parágrafo anterior como uma das funções da universidade contemporânea, a extensão abre o portão do mundo universitário, bota os acadêmicos na rua e abraça a comunidade externa com ciência.

A formação acadêmica apresenta ao estudante na graduação um pouco de cada das quatro funções da universidade contemporânea (Teixeira, 1964) e no caso de a Pedagogia a formação dos estudantes parece ser rondada também por memoriais pedagógicos, essa ferramenta registra de maneira narrativa um resgate de momentos do passado, isso parte da ideia de que o ser humano está em constante transformação e pode aprender com o passado, essas são as lembranças que levamos, as memórias.

Esse ensaio foca em memórias da vida universitária, um momento de transição para a vida adulta, vida do trabalho e aventura. Para isso destaco a jornada através de reflexões e colagens, dentre estudos, materiais e referências que estão aqui presentes. Foram selecionados trabalhos em colagem para definir 3 pontos da graduação: um trabalho digital do primeiro semestre de faculdade – *Oficina Vivencial*, um trabalho analógico que segue desde o julho de 2018 até o momento – *Dois amores: brigadeiro e beijinho* e um trabalho analógico iniciado e finalizado na pandemia, em julho de 2021 – *Outro tempo, outro lugar*, esse que sigo trabalhando através do projeto Dobradiça Entrevista, mas em formato digital.

Através dessas colagens apresento reflexões entre transversalidades de arte com pedagogia, destaco entendimentos estéticos e discursos que me envolvi durante o período de graduação que a meu ver adicionaram esmero para a minha formação em pedagogia, por fim, assumo como parte da profissão a capacidade de criação e sensibilidade que um estudante de pedagogia trabalha para desenvolver através de estudo, pesquisa e extensão. Além disso, foram selecionados para apresentar a escolha pedagógica de dois trabalhos acadêmicos com estéticas diferentes e que foram produzidos como atividade avaliativa para disciplinas do curso de pedagogia. O primeiro no início da graduação e outro mais para o final, como comparação entre os dois se restringiu à finalidade de alfabetização e letramento presente nos trabalhos, eles foram, em sequência, desenvolvidos para as disciplinas MTC0053 - Ensino E Aprendizagem Da Língua Materna (1/2018) e MTC0051 - Processo De Alfabetização (2/2022).

### **3 Trabalhos Artísticos**

#### **3.1 Oficina Vivencial – Memorial Pedagógico**

O memorial pedagógico de junho 2017<sup>3</sup> é parte desse ensaio feito para a conclusão de curso de pedagogia em dezembro de 2023. Para essa decisão destaco a jornada através de reflexões e colagens por quase sete anos, aprofundando estudos, materiais e referências do período da graduação que foram escolhidos para estarem em destaque no ensaio. Dentre os trabalhos artísticos produzidos nesse período se dá foco a três que exploram as técnicas da colagem em diferentes períodos da graduação, o memorial é o mais antigo do grupo, abaixo destaquei algumas colagens (Colagem 2, Colagem 3, Colagem 4) e uma fotografia (Foto 1) pertencentes ao documento original.

---

<sup>3</sup> Acesso ao documento do Projeto Vivencial completo no post do site <https://emailine.wordpress.com/2023/11/21/projeto-vivencial-2017/> ou QRCODE





Colagem 2 – Cara de paisagem nº 1 Fonte: Autoria própria (2017)



Foto 1 - [...] Brenda e Bruna Bebês Fonte: Álbum de família (2003)



Colagem 3 – Cara de paisagem nº 9 Fonte: Autoria própria (2017)



Colagem 4 – Cara de paisagem nº 14 Fonte: Autoria própria (2017)

O memorial da graduação dialoga com direto com a formação do estudante de pedagogia, no caso, em 2017 a Faculdade de Educação estava no seu último semestre de receber alunos novos para fazer o currículo antigo e uma das disciplinas que não iria mais comportar a grade de obrigatórias e optativas era a TEF0100 - Oficina Vivencial. Essa disciplina tinha por finalidade fazer um memorial da jornada educação formal no ensino básico até chegar no ensino superior, naquele semestre como meu resultado do memorial foram produzidas, em modelo de portfólio, uma sequência de crônicas e colagens digitais sobre memórias dos anos de uma amizade que começa desde o jardim de infância e vai até depois do ensino médio.

Esse portfólio é uma série de textos e colagens digitais feita de imagens de fotos digitais ou analógicas alteradas, nessas colagens a fotografia se apropria da memória por usar elementos externos para apresentar fidelidade a um tempo relatado em formato de narrativa pela crônica. Para isso, foram feitas intervenções digitais nas fotos, a colagem surge como adorno para ocultar sem censurar ou desfragmentar a memória. A colagem ilustra a crônica que vem em sequência para narrar as vivências na educação formal até o primeiro semestre da faculdade, memórias de uma pessoa com a educação básica completa.

### **3.2 Dois amores: brigadeiro e beijinho**

O portfólio analógico (dito caderno de artista) é um trabalho artístico que vai acompanhar por toda a jornada de formação na graduação, essa obra leva o nome de “Dois amores: brigadeiro e beijinho” e foram selecionadas algumas colagens desse caderno sobre o passar do tempo para ilustrar o que digo aqui nesse capítulo do ensaio.

Esse caderno é artesanal e foi feito durante a FLIP de 2018, a Festa Literária Internacional de Paraty, em uma oficina gratuita com um grupo de mulheres chamado Desdobras raras. Na oficina os presentes eram convidados a pegar um kit que seria montado e dobrado para chegar ao caderno, além de ter à disposição o contato com gravura, stencil, figuras feitas em cortes à laser, imagens disponíveis para recorte e cola para recheiar todas as páginas de papel. Com o tempo, depois do evento da festa, o caderno artesanal se apropriou da técnica de Freinet<sup>4</sup> do *Livro da Vida*, uma ferramenta

---

<sup>4</sup> Célestin Freinet (1896-1966) foi um pedagogo francês que desejava criar um sistema democrático de educação, dentre suas técnicas pedagógicas o livro da vida é parte do processo de aprendizagem para as condições que estabelecem a apropriação do conhecimento.

boa para o caminho até o final da jornada. Nesses anos fui registrando, com os materiais analógicos coletados, várias memórias através dos signos e significados que foram estruturados, organizados e colados naquelas páginas do portfólio analógico.

Assim, com o passar dos anos o processo artístico, o hobby, se manteve na arte da colagem e em 2018 inicia-se uma série de colagens para registrar a vida de estudante que passava. Nesse trabalho artístico a colagem se encaixava como um bom meio de expressão de representar tantos sentimentos de estar adulta.

Os recortes que fazem as colagens do portfólio analógico têm por maioria a origem de espaços que ficam no Rio de Janeiro, salve alguns de São Paulo, mas todos coletados em espaços democráticos da arte que classifico pensando na definição estudada entre as matérias nas disciplinas da mobilidade acadêmica em 2019 na Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, além disso, por sortilégio de ir à FLIP em 2018, coletei os papéis com essas mesmas características desde julho do ano desse evento. Nessa mesma mobilidade tive acesso a diversas leituras, inclusive a que vai apresentar o conceito de cidadania:

Em seu sentido etimológico, “cidadania” define a condição daqueles que residem na cidade. A formação do Estado moderno estabeleceu um caráter mais amplo ao termo, que se torna sinônimo de homem livre membro de um Estado, portador de direitos e deveres assegurados por lei. Nessa perspectiva, “cidadania” adquiriu um aspecto sociológico e um aspecto político. O elemento social, incorporado mais recentemente ao conceito de cidadania, engloba desde o direito a um mínimo de bem-estar econômico e segurança até a plena participação na herança social como ser civilizado, de acordo com os padrões da sociedade. E na base deste aspecto social da cidadania está, entre outros, o sistema educacional (PEREGRINO, 1995 p.23)

O sistema educacional no Brasil é complexo e decadente, com isso o texto também afirma a importância das conquistas e direitos relacionados aos conceitos de cidadania, principalmente aos que apenas acontecem por meio de um processo no contínuo e cotidiano, esse dever frequente é principalmente pelas desigualdades sociais estruturadas entre os brasileiros. No Brasil a cidadania está vinculada ao poder, o acesso ao saber e ao conhecimento é usado como um instrumento de dominação pela elite financeira, o acesso e a permanência na escola são privilégios para poucos brasileiros, contudo Peregrino (1995) nos lembra que devemos democratizar o acesso aos bens coletivos e socialmente produzidos para dar o primeiro passo no caminho da construção pela cidadania plena.

A luta pelos direitos básicos de sobrevivência não deve ser justificativa para banalizar o acesso aos bens culturais e artísticos. Para entender arte é necessário que isso seja aprendido, o outro precisa compreender a linguagem utilizada e os sinais. O gosto e o interesse pela arte dependem da capacidade de compreensão, essa que é

resultado da vivência, familiarização e contato com obras de arte. Poucos apreciam porque poucos tem a oportunidade de ir a escolas que promovam ensino significativo para a vivência cultural fora de sala de aula, isso gera reações diferentes à produtos culturais da cultura popular brasileira, principalmente a aqueles que não obedecem à uma lógica de arte de consumo (PEREGRINO, 1995), como dito e referenciado em Bordieu e Darbel (1985):

Afinal, a arte, inclusive em suas formas mais elaboradas (ditas eruditas), é uma produção coletiva, que no entanto tem sido historicamente restrita às elites, uma vez que [...] a “necessidade cultural” é produto da educação e da vivência (cf. Bordieu e Darbel, 1985). São essas elites que acabam tendo maior facilidade no acesso à escola e conseqüentemente maiores oportunidades de contato e familiarização com obras de arte. Mais uma vez as desigualdades sociais geram posturas diferenciadas e desigualdades diante de obras culturais. (PEREGRINO, 1995 p.23)

A educação deve propor trabalhos que ampliem o acesso à arte e à cultura, considerando cultura como uma produção coletiva, construída ao longo da história das sociedades (PEREGRINO,1995) e ela deve também criar a necessidade cultural, mas é necessário fornecer os meios para satisfazer a sua comunidade. Na conquista da cidadania plena, a autora nos convida a refletir sobre as formas de atuação pedagógica como caminhos para a busca da democratização no acesso à arte, pois uma escola que atende os interesses populares é a que faz apropriação dos conteúdos escolares básicos ressoarem na vida dos alunos. Com isso, a arte democrática é a que vive no encontro, o desejo banal na rotina e constância de mais um dia. Contudo, esse encontro acontece apenas através do desenvolvimento da capacidade de percepção e compreensão a partir de experiências pessoais, para isso, reforço a atividade na vivência estética:

Se uma melodia chega à nossa alma é porque nós mesmos podemos coordenar os sons que nos chegam de fora. Há muito tempo, os psicólogos dizem que todo o conteúdo e o sentimento ligados a um objeto de arte não estão nele, mas são aportados por nós. É como se introduzíssemos o sentimento das imagens da arte, e o próprio processo de percepção é chamado pelos psicólogos de "empatia". Essa complexa atividade de empatia se reduz, em essência, à renovação de uma série de reações internas, à união que as coordena e a uma certa reelaboração criativa do objeto próximo de nós. Essa função constitui a atividade estética básica que, por sua natureza, é uma atividade do organismo que reage ao estímulo externo. (VIGOTSKI, 2003 p. 230 )

Partindo do debate sobre arte democrática apresentada no parágrafo anterior, e de buscar caminhos pedagógicos para promover a cidadania plena, o qual foi reforçada também a importância de uma experiência estética ativa em que quem cria a sensibilidade é o participante que percebe a obra, estamos falando de uma percepção

muito mais que os impulsos básicos da visão e audição. Estamos abordando uma percepção sensorial ativa mais complexa, na qual o participante carece de um sentido estético que precisa ser apresentado e praticado como agente ativo na produção de conhecimento histórico e cultural da sociedade em que está inserido, inclusive se possível, se reconhecendo como um agente de mudança viável na comunidade.

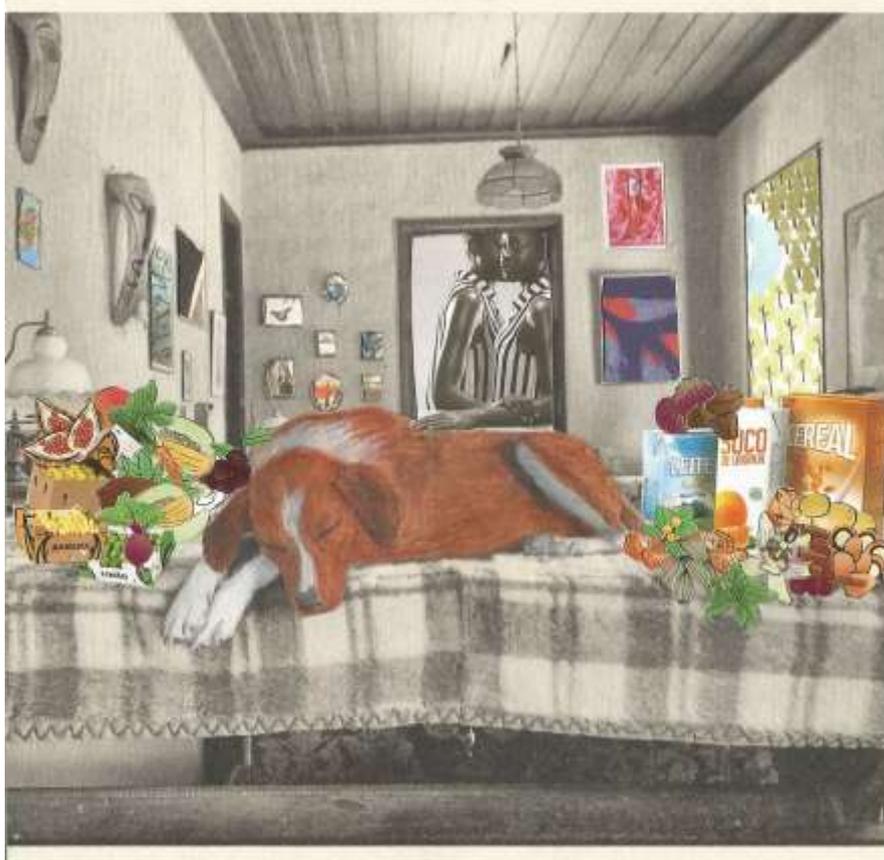
A educação formal é o meio de dar relevância aos modos de participação das pessoas na cultura, aos modos de apropriação das práticas sociais e às relações de ensino, mas impor isso como meta para o professor pode iludir a prática pedagógica, esse o qual inclusive tendência a procurar apenas agradar na vivência estética.

Essa escolha de agradar tem curta finalidade por ser uma relação passiva, para além da crítica, devemos lembrar que os professores não possuem garantia de manter aquilo que não receberam a formação e, óbvio que a solução para os que atuam no mercado de trabalho não precisa ser o retorno à graduação, outras práticas podem se apresentar relevantes para a formação continuada desses profissionais, inclusive organizações como os clubes que se mostram válidas pela continuidade no cotidiano.

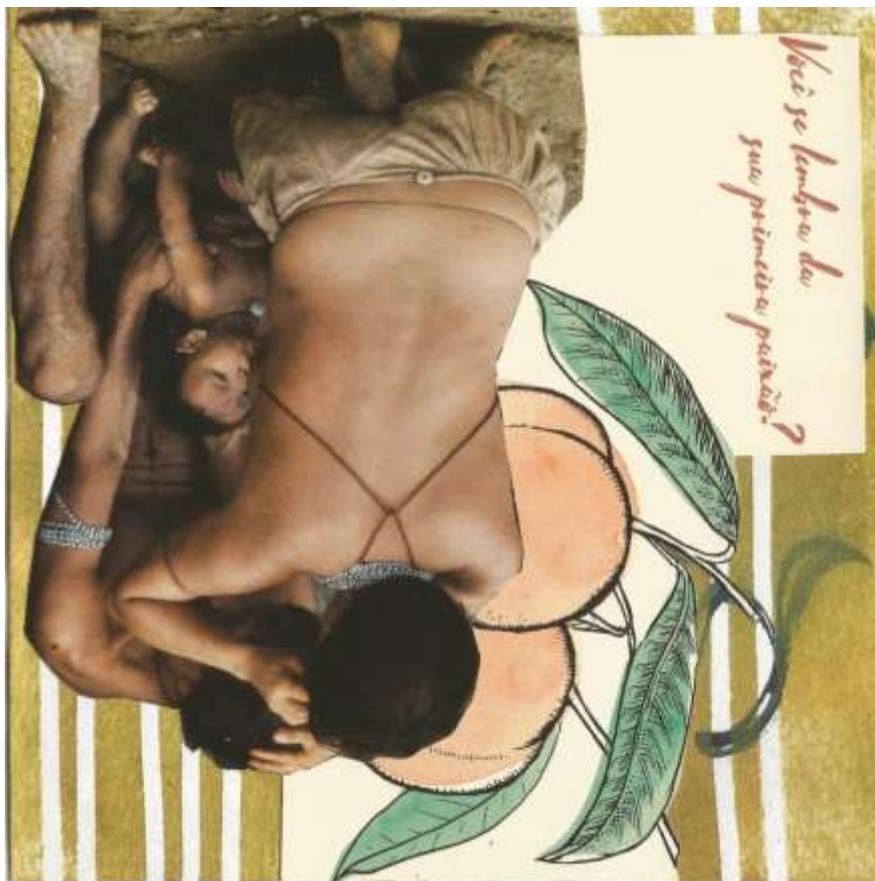
Mesmo com a formação, para a empatia acontecer ela precisa ser praticada, devemos aspirar por professores articuladores da arte, que leiam dramas e frequentam o teatro, assistam novela e cinema como parte de um processo estético elaborado do cotidiano pessoal. A formação cultural é essencial na pedagogia, pois vai além do conhecimento técnico, transformando a sala de aula em um ambiente expressivo e acolhedor. Os alunos são expostos a diversas visões de mundo e expressões artísticas, o que amplia a compreensão sobre a diversidade humana, e isso, gera a constante busca pelo caminho do autoconhecimento em professores e alunos.

Várias são as possibilidades, eu encontrei esse caminho de lembrar quem eu sou durante todos esses anos através da colagem, essa linguagem me comunicou para além da imagem colada, ela narrou o espaço em que estive pelas lembranças entre os panfletos, catálogos, ingressos e revistas que coletei (Colagem 5; Colagem 6).

Ao passear e refletir sobre os possíveis materiais de colagem coletados na rua, a imagem sensorial mostra ser mais interessante quando analógica, ter que lidar com os tratos e características limitadas de um simples panfleto como uma peça encomendada de um quebra-cabeça. Dentre esta zona de um monte de papel, a procura por símbolos e significados se transformou em uma coleção de dias que passaram e significaram o cotidiano daquele tempo. Meu compromisso analisando a escolha pedagógica (SMOLKA, 2016) de entender o que seria registrado foi literal, quase fotográfico, cheio de descrições e significado que apenas quem visse ou vivesse o antes da colagem poderia agregar ainda mais detalhes, isso aconteceu porque os lugares que passei eram transbordados de arte pelos meus olhos.



Colagem 5 - Papoca vai almoçar Fonte: Autoria própria (2021)



Colagem 6 – Beiju Fonte: Autoria própria (2018)

Foi uma escolha apropriar tudo em que toquei, desse modo eu via possibilidades de captar as linguagens artísticas não apenas pela vivência, mas pelas lembranças de transformar os materiais analógicos desses lugares em “colagens de memória” e ter obras de arte feitas de infinitas peças de autores anônimos, ou famosos, que através da minha tesoura se encontraram.

A busca pela arte democrática com a colagem é uma prática interessante se pensarmos desde o momento de coleta de materiais como partes inteiras, as quais podem compor uma obra; o caderninho apresentado aqui foi uma maneira de experimentar a ideia de produzir uma obra individual feita dos mais diversos produtos culturais apropriados na rua, nos espaços culturais, nas apresentações, viagens; cada pedaço tem uma sua história e o conjunto colado apresenta outra coisa, é o sentimento formado durante aquele semestre de apreciar com o corpo momentos do cotidiano.

No Brasil, a gratuidade não é garantia suficiente para um acesso democrático às formas de arte mais elaboradas, sua efetiva apreensão requer o domínio prévio dos instrumentos de compreensão (esquemas de apropriação) que são apresentados na educação formal e fazem parte da luta pela cidadania.

Na abençoada mobilidade acadêmica tive a disciplina de EDD478 Arte – Educação (1/2019) nela que refleti e defini as características analógicas sobre arte democrática (PEREGRINO,1995), a mesma que também inspirou em portfólio (ZAMPERETTI, 2015). Essa disciplina focava na formação de professores, como avaliação final<sup>5</sup> era necessário apresentar um portfólio com produções artísticas e pelo menos quatro apreciações de eventos artísticos assistidos durante o semestre que promovesse a democratização da cultura, além da obrigatoriedade de explorar diversas áreas da arte performática, literária e/ou plástica (música, dança, teatro, museu etc.).

No sudeste, a oportunidade de viver a pedagogia no Rio de Janeiro andando na rua com os pés me levou a muitos pontos que nunca questioneei que existiam na

---

<sup>5</sup> O resultado da avaliação final da está disponível em: <https://emaline.wordpress.com/category/arte-e-educacao/> ou QR CODE



cidade histórica, além disso explorei a literatura infantil com ajuda da faculdade no acesso a livros emprestados, muitas vezes até mais de uma obra por vez na semana.

Essas vivências e contato com materiais e paisagens me adentraram, comprei livros, conheci autores, fiz passeios incríveis, coletei muito material periódico, chorei com certos cortes ou mesmo livros doados. Estudar pedagogia influenciou minhas escolhas estéticas no caderno de artista (ou Livro da Vida) que pude trabalhar quase de maneira literal em ilustrações do meu cotidiano (Colagem 7). E, quem sabe aos admiradores mais atentos seja possível descobrir por onde andei, com quem estive, o que comi, reconhecer no papel os caminhos que tomei para a colagem.

[...] não basta abrir os museus ou realizar concertos gratuitos. O desafio é a construção de caminhos que levem da camiseta ao museu, do rádio à sala de concerto e da novela de TV ao teatro. (PEREGRINO, 1995 p.29).

Mesmo com tanta emoção, eu não concluo o caderninho *Dois amores: brigadeiro e beijinho*, muitas páginas não tinham sido coladas ao final da mobilidade, com isso continuei trabalhando com os recortes que eu tinha e tentado de algum modo resgatar o passado. Com a pandemia a dinâmica mudou e eu decidi fazer *lives* com artistas do Brasil para durante a conversa fazer a nova leva de colagem e continuar experimentando muito com os materiais daquele grupo de papéis que foram coletados enquanto eu estava no Rio de Janeiro.

As colagens aqui neste capítulo do ensaio foram trabalhadas para o digital, inclusive publicadas em redes sociais, cada uma é uma lembrança de Rio de Janeiro, de tempos antes dos anos 20 desse século e antes da Pandemia. Com a pandemia de Covid-19 tudo mudou inclusive as vivências artísticas, pelo risco de contágio fomos para o virtual até no Clube de Colagem de Brasília e iniciamos um isolamento que duraria quase 4 anos. Eu estava vivendo, mas não aguentava mais trabalhar com papéis de outros tempos porque a saudade já era outra, com isso, fui explorar outros lugares do meu acervo que podiam atender à vontade de passear na Catarata dos Couros (GO).

Com os anos de pandemia percebi que o tempo fluía de maneira diferente. No início do meu processo artístico agreguei complementos e adornos, depois no caderninho de artista elaborei peças e imagens. Ao chegar no último trabalho artístico, permiti que a colagem me tomasse como ferramenta, para isso, o Livro da vida - *Dois amores: brigadeiro e beijinho* foi necessário para justificar a opção de se comunicar por meio de uma linguagem independente de narrativas orais ou contato físico direto, e se abraçar no que apreciar nos proporciona. A reta final da jornada se deu na criação de uma obra analógica coletiva, mas também individual que o quanto mais você olhar mais você percebe, essa é a colagem gigante que leva o nome de *Outro tempo, outro lugar*.



Colagem 7 - Tinta de impressora – Petróleo – Amor Fonte: Autoria própria (2018)

### 3.3 Outro tempo, outro lugar

"Outro Tempo, outro Lugar" de um lado (Foto 2, Foto 3, Foto 4, Foto 5) é uma caminhada com o olhar partindo em uma estrada de eixo transversal quase infinito, como um espiral na diagonal, atravessando tudo; ou do outro (Foto 6, Foto 7, Foto 8, Foto 9) é um eixo inventado, livre escolha do olhar. Essa colagem toma esses dois caminhos para chegar ao debate da colagem não como fragmentação, mas como composição, ousando usar a palavra "conexão" em sentido afetivo para explicar a junção das partes feitas em busca do modelo de repetição entre as peças, como um encontro no anterior/interior.

Se olharmos para o comportamento humano, para a sua atividade, de um modo geral, é fácil verificar a possibilidade de diferenciar dois tipos principais. Um tipo de atividade pode-se denominar de reconstruidor ou reprodutivo. Está intimamente ligado à memória; sua essência consiste em reproduzir ou repetir meios de conduta anteriormente criados e elaborados ou ressuscitar marcas de impressões precedentes. (VIGOTSKI 2018, p.14)

Essa colagem em si trata do tempo e da paisagem, as reflexões sobre o mundo, assim pensar o território e as espécies para além do urbano. O espaço e o lugar em questão no trabalho se dão a partir conteúdo dos materiais, os quais foram coletados de forma de resgate individual e estão entre: revistas antigas, postais, fotos, encartes, panfletos e catálogos de eventos de acesso democrático, ou de doações que juntei nos anos de encontros itinerantes do CCBSB. Além disso, alguns dos materiais, como as revistas Mãos de Ouro, datam os anos 60, enquanto outros foram coletados em passeios pré-pandêmicos por onde passei e guardei para o meu acervo de papéis.

Sendo assim, a variedade é uma forma de unir os aspectos pessoais de tempo passado-futuro e se estabelecer entre eles ligações. Para Vigotski (2018) somos capazes de reproduzir apenas aquilo que se apresenta para cada um, o que fizemos antes e em todas as tentativas a atividade não criou nada, a sua base é a repetição mais ou menos precisa daquilo que existiu no passado. Através dessa obra feita de papel e cola, *Outro tempo, outro lugar* é a proposta de um desvendamento lento e reflexivo em colagem de formato a saciar o expectador, a caminhada da apreciação pode tomar qualquer rumo, depender de qualquer tempo, sem nem ao menos tentar atacar integridade da obra ou desrespeitar o desejo do encontro junto ao que a contempla.

Ao ouvir uma orquestra nossa atenção está em um estado contemplativo como se estivéssemos viajando para dentro do som e, ao fim deste, no intervalo de silêncio entre o fim e as palmas, percebemos que acessamos algo que não sabemos como classificar. É possível sentir a integralidade da obra. (FERREIRA; SOUZA, 2021 p.124)

O ícone central desse último trabalho artístico no ensaio, Krishna, é presente nos dois lados, aparece ora criança, ora adulto, representando a passagem do tempo entre os dois versos. A colagem analógica de tamanho 88x77cm foi feita ao longo de 6 meses de trabalho, 6 meses de descanso, 6 meses de trabalho e conclusão de forma a unir os aspectos do conteúdo/características dos materiais e compreender o processo artístico integrado das faces dessa obra, trilhando jornadas para uma comunicação sobre o que está entre o passado e o futuro desses materiais analógicos em camadas elaboradas, mas não podemos cair em tentação:

Sabemos que, na verdade, uma obra de arte representa apenas um sistema organizado de uma maneira especial das impressões externas ou das influências sensíveis sobre o organismo. No entanto, essas influências sensíveis estão organizadas e construídas de tal forma que despertam no organismo um tipo de reação diferente da habitual, e essa atividade peculiar, ligada aos estímulos estéticos, é que constitui a natureza da vivência estética (VIGOTSKI, 2003, p. 229).

Com a pandemia de COVID-19 tudo mudou, inclusive as vivências artísticas, fomos para o virtual, a relação social com o mundo e principalmente com a natureza foi abalada. Iniciamos em 2020 um isolamento que duraria quase 4 anos e com isso o tempo passava diferente, os eventos aconteciam apenas no mar da internet e ondas de redes sociais. A colagem analógica gigante do capítulo desse ensaio virou videoarte<sup>6</sup> para a Semana Universitária de 2021 e poucas pessoas a viram pessoalmente, o processo da vivência estética de fazer a colagem ganhou um protagonismo que não era possível de imaginar antes do isolamento começar. A obra que antes seria apresentada como analógica se tornou virtual e, porque estamos em constante mudança, a relação das pessoas com o mundo estava se remodelando em sua plasticidade.

A distância entre concreto e abstrato não é grande. (FERREIRA; SOUZA, 2021 p.125)

No mesmo capítulo dessa citação, Lara e Carolina (2021) falam que entre o passado e o futuro temos o mal do século de marginalizar o presente. Com isso, não

---

<sup>6</sup> Para ver videoarte da obra acessar: <https://youtu.be/xN-FjtXEgPc> ou QRCODE



podemos esquecer que apreciar é estar no presente de forma ativa (Vigotski, 2003), deixar surgir estruturas e símbolos anteriormente significados e sentimentos específicos na relação individual com cada elemento. Mesmo assim, muitas vezes ignoramos “outras dimensões do desenvolvimento humano integral, como a cultura, as emoções, os afetos. Que são, justamente, os principais aspectos que envolvem o âmbito artístico.” (FERREIRA; SOUZA, 2021 p. 126). Com isso, Ao pensar a Pedagogia:

Ao brincar, a criança reelabora e cria novas situações, baseadas em suas experiências anteriores. Com âncora na realidade, ela cria novas realidades na brincadeira. O pulsar interno da criação já existe desde que nascemos e com esse potencial criador nos relacionamos com o que nos rodeia. (FERREIRA; SOUZA, 2021 p. 127)

E ao pensar a estética desde a infância:

A educação estética caminha junto com este pensamento transbordando os limites físicos da escola, e mais especificamente a Educação Infantil, a escola da infância, leva a alma contemplativa para os âmbitos da vida cotidiana, fazendo do mundo uma obra de arte. (FERREIRA; SOUZA, 2021 p. 129)

Ao considerarmos como guia na escolhas pedagógica a estética, a pedagogia histórico-cultural e, com isso, pensarmos numa formação integral, a qual inclui assuntos como: sentimentos, apreciação e formação de uma plateia crítica; vislumbrar um cotidiano artístico para todos, essa conquista da arte democrática tão batalhada pelo coletivo e um direito tão relevante quanto o arroz e feijão diário, é o caminho para a cidadania plena, a qual acontece por meio de um processo contínuo e cotidiano. Nessa obra a colagem fala do presente de todos os dias, sem se desprender do cotidiano e para o contínuo foram criadas conexões entre os papéis que estavam no acervo, mas antes eu tive um Livro da Vida. Esse me ajudou a caminhar para frente e sussurrou que todo encontro no espaço em que vivo mais um dia é um lugar de partilha da arte:

A combinação de experiências prévias modifica-se a cada passo que damos, enriquecendo as próximas que virão. (FERREIRA; SOUZA, 2021 p. 129)

Contudo, na pandemia, o encontro e coletar novos papéis se tornaram impossíveis, os retalhos analógicos que eu tinha de experiência prévia foram maneiras de me agarrar com outras pessoas no mundo em um tempo digital, além de tentar conexões com o passado, o mistério que estava por vir e cada um no seu canto:

Por isso a forma linear de enxergar o cotidiano pode comprometer a beleza da irregularidade, dos encontros e desencontros, do vai e vem enriquecedor que permite chegadas e despedidas já tão distantes no nosso tempo e, conseqüentemente, de nossas escolas. Um corpo é a relação nós-mundo. A árvore é ainda a semente. O adulto é também a criança de outrora. Somos imagem e semelhança do que pulsa lá fora.

Há movimento e vida, uma dança criativa. (FERREIRA; SOUZA, 2021 p. 130)

Nesse contexto, não vamos esquecer que mesmo sem centros culturais, sem clubes e sem parque, a escola continuou existindo na pandemia, a universidade também de maneira remota. Vimos abraços se tornando impossíveis, uso de máscaras obrigatório em sala de aula e o afeto que já era questionado pela crescente educação neoliberal, se tornou uma necessidade marginalizada nos objetivos de aprendizagem exigidos para uma sociedade devastada a se cumprir metas e consumir.

No primeiro momento, voltamos nosso olhar para a relação da sociedade com a escola. Sociedade que prioriza condutas questionáveis, imediatiza o conhecimento esquecendo-se da integralidade humana, do afeto, das relações. Sociedade que foi educada por escolas que, de modo geral, se articulam na direção da facilitação da experiência, organizando a vivência apenas para cumprir requisitos exigidos. (FERREIRA; SOUZA, 2021 p. 130)

O fazer artístico precisa estar na vivência cotidiana, entender que a singularidade de viver o agora e criarmos a cada instante (FERREIRA; SOUZA, 2021 p. 131) nos fazem o encontro com a nossa própria magia, assim como os papéis que juntei e coleí, as pessoas estão entrelaçadas aqui e agora nesse mundo de constante admiração. Devemos sonhar e fazer parte do sonho que começa no presente:

No instante da contemplação o presente é o único tempo em que estamos vivendo. Essa intensidade de estar entregue ao agora parece carregar um acalanto que saneia inquietações e qualquer doença da modernidade. São nessas condições de vida que almejamos a organização da educação escolar, em especial a escola da infância, na Educação Infantil. Para que o pensamento não substitua o encontro. Para que as relações sejam prioridade. Que as percepções, os sentimentos, sensações sejam também autenticadas como fundamentação legítima de conhecimento e intelectualidade. (FERREIRA; SOUZA, 2021 p. 131)

E para que esse ensaio de um memorial pedagógico não perca sua carinha de realismo-mágico-rapaz-latino-americano tomo a liberdade poética de fechar as palavras desse capítulo que reflete sobre apreciar com o trecho de uma música de *Refavela*:

O	melhor	lugar	do	mundo	é	aqui
E						agora
O	melhor	lugar	do	mundo	é	aqui
E						agora

Aqui			onde			indefinido
Agora		que	é	quase		quando
Quando		ser	leve	ou		pesado
Deixa		de		fazer		sentido
Aqui	de	onde		o	olho	mira
Agora		que		o	ouvido	escuta
O	tempo	que	a	voz	não	fala

Mas que o coração tributa. (GIL, 1977)

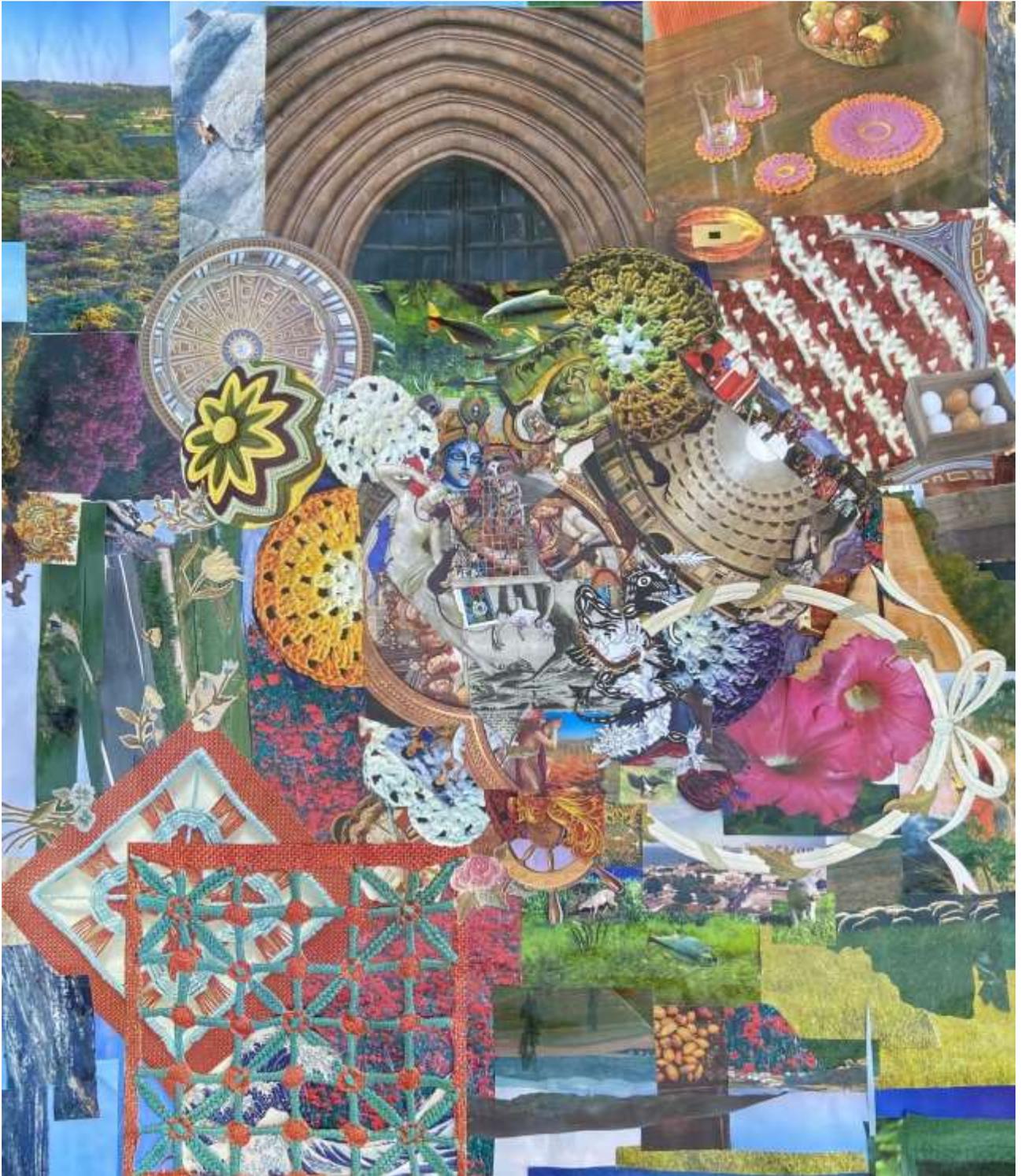


Foto 2 – Semuni vídeoarte 1 Fonte: Autoria própria (2021)



Foto 3 – Dobradiça Entrevista 1 Fonte: Caio Amaral (2022)



Foto 4 – Dobradiça Entrevista 2 Fonte: Caio Amaral (2022)



Foto 5 – Dobradiça Entrevista 3 Fonte: Caio Amaral (2022)

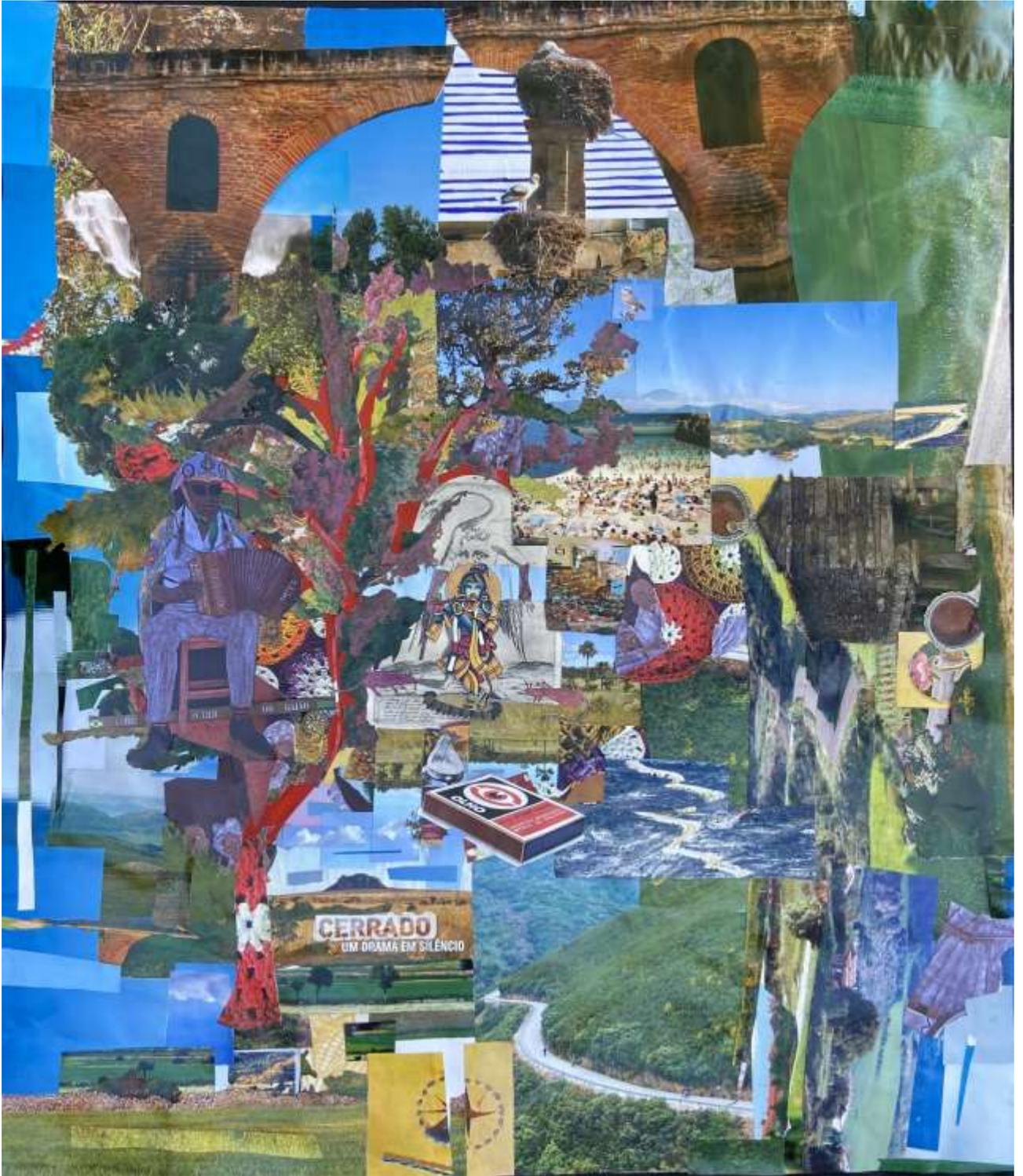


Foto 6 – Semuni vídeoarte 2 Fonte: Autoria própria (2021)



Foto 7 – Dobradiça Entrevista 4 Fonte: Caio Amaral (2022)



Foto 8 – Dobradiça Entrevista 5 Fonte: Caio Amaral (2022)



Foto 9 – Dobradiça Entrevista 6 Fonte: Caio Amaral (2022)

## 4 Trabalhos Acadêmicos

Na apresentação dos trabalhos acadêmicos, assumo que é importante reconhecer como parte da profissão docente a capacidade de criação e sensibilidade. Um pedagogo para desenvolver essas características precisa através anos de preparação para o trabalho, estudo, pesquisa e extensão, da formação superior, mas também não devemos esperar que todo professor seja um artista e mesmo que esse seja o caso devemos seguir entendendo a arte como obra coletiva, desse modo:

Artistas não são autores individuais de suas obras, mas, divulgadores da evolução de técnicas, materiais, formas, temas e procedimentos que foram constituídos ao longo de nossa história e cultura (PEDERIVA, 2021)

Além da ressignificação da carreira docente, foram selecionados para apresentar a escolha pedagógica (SMOLKA, 2016) de dois trabalhos acadêmicos com estéticas diferentes e que foram produzidos como atividade avaliativa para disciplinas do curso de pedagogia. Como comparação entre os dois se restringiu à finalidade de alfabetização e letramento presente nos trabalhos, eles foram, em sequência, desenvolvidos para as disciplinas MTC0053 - Ensino E Aprendizagem Da Língua Materna (1/2018) e MTC0051 - Processo De Alfabetização (2/2022).

O desenvolvimento de um material com criatividade e da sensibilidade no primeiro trabalho é do início da graduação (Foto 10; Foto 11; Foto 12) se assemelha a um almanaque. Um caderninho impresso em preto e branco com atividades, que pode até de algum modo lembrar um portfólio, mas foi recortado e montado pelas professoras na ordem idêntica ao planejado, a maior participação das crianças foi na capa que não teve registro, mas convidava as crianças a fazerem um desenho para as professoras grampearem como capa, se assemelhando a um material didático feito com baixo custo e imagens que parecem caricaturas plásticas. No segundo eu opto por um caminho visualmente artesanal, com colagens e escritas à mão, podendo ser fácil reproduzido com os materiais disponíveis em sala de alfabetização, sendo possível até o desenvolvimento de um projeto com a turma para fazer outra edição igual ou similar para brincar em outra vez.

O início da graduação tinha a impressão de que a pedagogia era um curso superior de fazer material didático de baixo custo, mas agora entendo de outro modo. Exemplificado através de um trabalho acadêmico (Foto 13), a colagem é ferramenta entendimento de mundo, promove uma alfabetização cheia de signos que utiliza materiais analógico para criar significado que faça sentido no cotidiano e produz encontros.

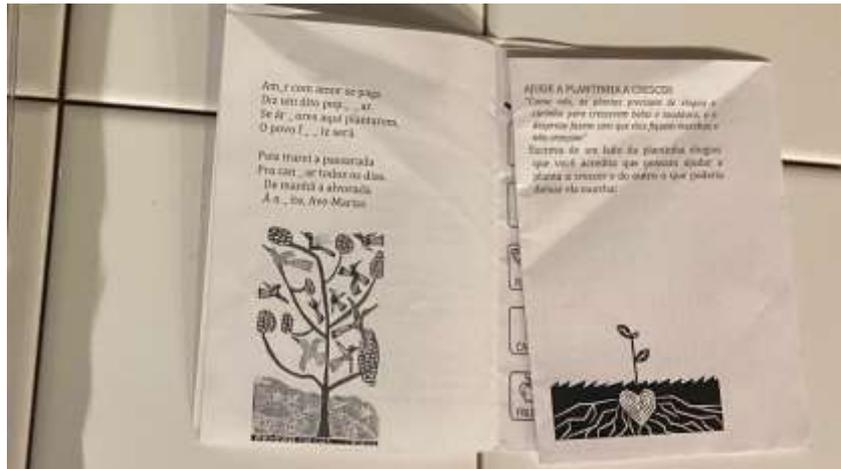


Foto 10 – Caderno de Atividades 1 Fonte: Autoria própria (2021)

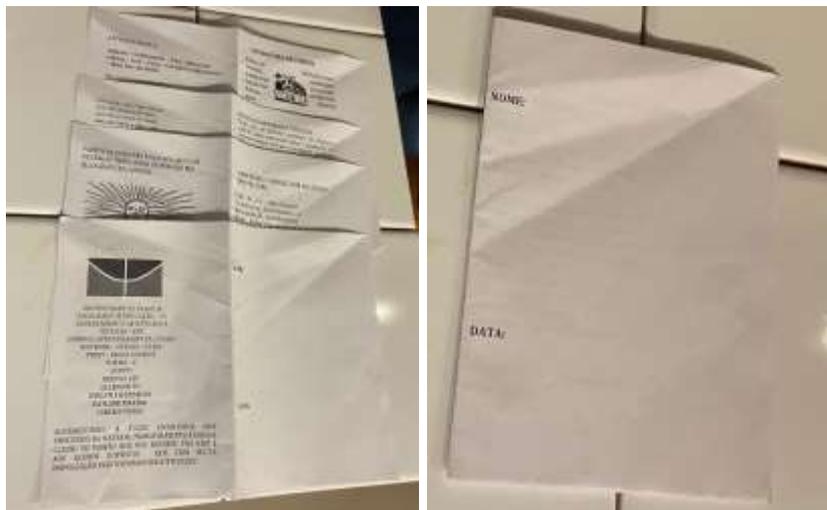


Foto 11 e Foto 12 – Caderno de Atividades 2 e 3 Fonte: Autoria própria (2021)



Foto 13 – Bingo de Rimas Fonte: Autoria própria (2021)

## 5 CONCLUSÃO

A formação superior para atuação no ensino básico precisa ser requisitada, a capacitação e as habilidades desenvolvidas precisam ser estudadas para serem aplicadas, seja até as mais relacionadas à emoção como a sensibilidade e a admiração. A Pedagogia pode ser muito mais elaborada que um curso de design decadente, hoje entendo que é um ateliê científico; pelas habilidades que desenvolvi na formação superior, e acredito que isso não é um padrão, cada profissional pode ter seu entendimento, mas as minhas reflexões sobre me tornar uma profissional da educação foram transbordadas de colagens, que de um modo geral carregam um significado de memória cada vez mais elaborado, mostrando que qualquer ferramenta, até mesmo a colagem pode alcançar níveis elaborados de técnica, aprendizado e transmissão.

Meus recortes berram que toda obra é coletiva, e que todos somos memórias do meio. Acredito que a minha técnica de colagem favorita seja a colagem de memória, essa técnica possui como características o compromisso com algo vivenciado e/ou coletado, que faz saudade e vínculo, e que tem significado para além do mercado; sendo assim, usar tal técnica como instrumento de aprendizado parece ser muito interessante para criar conexões em uma pedagogia emancipatória.

Diante das considerações realizadas sobre a temática, conclui-se que a sociedade que queremos precisa ser acreditada na juventude, ter fé que hoje é sempre melhor que ontem. Precisamos sonhar viver o nosso sonho, fazendo parte da construção dele, e isso a meu ver é educação. Pedagogia é pensar que estamos vivos e precisamos sentir o mesmo tanto que nos expressar, e podemos fazer isso de diversas maneiras. Eu apresentei para você o meu processo de encontro, destaquei que a jornada artística que apresentei parte das ferramentas virtuais e termina nos vínculos analógicos literais, pegando panfletos, encartes e outros periódicos para realizar um retrato de quem fui e sou.

Além disso, devemos exigir uma qualidade de vivências culturais elevada nas escolas, para que de maneira democrática as pessoas acessem a arte e cultura. Em síntese, o ensaio nos leva a perceber que tudo o que precisamos aprender é apreciar os momentos e formamos profissionais para articular isso, mas precisamos entender a necessidade de reelaborar a carreira desses que estão vão para a sala de aula.

Desta forma, durante a graduação em pedagogia desenvolvi trabalhos artísticos que foram influenciados pela minha futura profissão; usei a colagem como complemento, depois elaborei como elementos, por fim, deixei a colagem me tomar como ferramenta porque assim pude ver o que está entre os papéis no recorte e a cola. Nós.

## REFERÊNCIAS

FERREIRA, C. R; SOUZA, T. P. Estética e vida: contemplação viva. In: PEDERIVA, P. L. M; OLIVEIRA, D. A. A. (Orgs.). Educação Estética: diálogos com a Teoria Histórico-Cultural. São Carlos: Pedro & João Editores, 2021. Capítulo 7 p.123

PEDERIVA, PATRÍCIA; OLIVEIRA, DAIANE ; MIRANDA, JOSÉ VALDINEI ; PEDERIVA, MARTA . Os Signos Artísticos e a Educação Estética em Vigotski. Educação e Realidade Edição eletrônica, v. 47, p. 1-18, 2022.

PEREGRINO at aii (org.). Da camiseta ou museu: A Conquista cotidiana da cidadania plena – o ensino das artes na democratização da cultura. João Pessoa: Universitária, 1995

SMOLKA, A. L. B; MAGIOLINO, L. L. S; Rocha, M. S. P. M. L. Crianças, linguagem oral e linguagem escrita: modos de apropriação. In.: Caderno 3 Coleção Leitura e escrita na educação infantil. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica. - 1.ed. - Brasília: MEC /SEB, 2016. Disponível em: <https://lepi.fae.ufmg.br/publicacoes/colecao/> Acesso em: 23 nov. de 2023

STEINER, J. E. Diferenciação e classificação das instituições de ensino superior no Brasil. In: STEINER, J. E.; MALNIC, G. Ensino Superior. Conceito e dinâmica, São Paulo: Edusp. 2006.

TEIXEIRA, Anísio. Funções da Universidade . Boletim Informativo CAPES. Rio de Janeiro, n. 135, fev. 1964. P. 1-2.

VIGOTSKI, L. S. Imaginação e criação na infância / Liev Semionovich Vigotski; trad. Zoia Prestes e Elizabeth Tunes - 1.ed - São Paulo: Expressão Popular, 2018. Capítulo 2 Criação e imaginação p.13

VIGOTSKI, L. S. Psicologia Pedagógica / Liev Semionovich Vigotski; trad. Claudia Schilling - Porto Alegre: Artmed, 2003.

WAIN, Louis. Good Luck Cats. 2023. Disponível em: <https://t.co/A8TsGSbfjq> acesso em: 23 nov. 2023

ZAMPERETTI, M. P. O portfólio na docência em Artes Visuais: arquivos, memórias, afetos. Anais do VIII Seminário Nacional de Pesquisa em Arte e Cultura Visual. Goiânia, 2015.